

Análise literária de *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum: a busca pela identidade e o conflito familiar

Isaías dos Santos¹

RESUMO:

Este artigo é consequência de uma análise sobre identidade e conflitos familiares presente na obra “Dois Irmãos” de Milton Hatoum, que gira em torno de aspectos implicadores na procura do narrador personagem Nael na tentativa de descobrir quem é seu pai entre os irmãos Yaqub e Omar. A obra versa sobre litígios familiares e identitários da origem do narrador e da própria cidade que é cenário: Manaus, Capital do Estado do Amazonas. Mostra as influências multiculturais que contribuíram para o que hoje representa aquela metrópole. Tais influências se deram, sobretudo, pelos diversos acontecimentos históricos ocorridos no período de 1910 a 1960 — ocasião em que se desenvolve a narrativa — sendo estes a 2ª Guerra Mundial, o Ciclo da Borracha, a Ditadura Militar e a implantação da Zona Franca de Manaus que contribuíram para sua modernização. Diante disso, a narrativa literária se apresenta contemporânea por expor Manaus e seus processos históricos referentes a uma época. Foi objetivo mostrar como esse processo de imigração contribuiu para a riqueza cultural da Amazônia Brasileira, pautando numa análise de conteúdo Bardin (2009). Para fundamentação teórica utilizou autores como Bachelard (2012), Stuart Hall (2015), Borges (2010) e Candido (2010).

Palavras-chave: Identidade; Subversão; Amazonas; Multiculturalismo; Manaus.

ABSTRACT:

This article is the result of an analysis of identity and family conflicts present in the work “Dois Irmãos” by Milton Hatoum, which revolves around implicating aspects in the search for the narrator character Nael in an attempt to discover who his father is among the brothers Yaqub and Omar. . The work deals with family and identity disputes about the origin of the narrator and the city that is the setting: Manaus, Capital of the State of Amazonas. It shows the multicultural influences that contributed to what that metropolis represents today. Such influences were mainly due to the various historical events that took place in the period from 1910 to 1960 — when the narrative was developed — these being the 2nd World War, the Rubber Cycle, the Military Dictatorship and the implementation of the Manaus Free Trade Zone. that contributed to its modernization. In view of this, the literary narrative presents itself as contemporary by exposing Manaus and its historical processes referring to a time. The objective was to show how this immigration process contributed to the cultural wealth of the Brazilian Amazon, based on a content analysis of Bardin (2009). For theoretical foundation, authors such as Bachelard (2012), Stuart Hall (2015), Borges (2010) and Candido (2010) were used.

Keywords: Identity; Subversion; Amazon; Multiculturalism; Manaus.

Introdução

Compreender os processos de formação histórica e a modernização de urbes é essencial para pensar cenários. A literatura, nesse aspecto, se caracteriza enquanto pressuposto proeminente pela tecelagem de enredos. A busca pela identidade e conflitos familiares são temas constantes na obra “Dois Irmãos”, do escritor amazonense Milton Hatoum. Versa a busca de identidade de Nael pelo seu verdadeiro pai. Como pano de fundo existe os conflitos familiares entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar, entre Halim, o filho Omar e a figura protetora da mãe.

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Universidade Saint Alcuin Of York Anglican College (Chile).

A obra de Hatoum caracteriza uma investigação pela identidade da capital do Estado do Amazonas, a cidade de Manaus, mostrando a imigração Libanesa que veio em busca de uma melhoria de vida, já que a cidade se mostrava como o novo recomeço para o comércio; pois fora dali estava acontecendo a 2ª Guerra Mundial. Nesse cenário, os olhares se voltavam para a Amazônia. Foi o período de expansão imigratório de diversos países e do próprio Brasil.

A presente investigação é de natureza bibliográfica e etnográfica, com viés exploratório e descritivo, não probabilístico e validade externa. Realizada na cidade de Manaus — capital do Amazonas —. Para desenvolver o estudo procurou-se obedecer as seguintes etapas: i) a priori, concretizamos levantamentos teóricos via livros, revistas, monografias e artigos relacionados à temática abordada; ii) direcionamos nossa vivência na conjuntura social partindo de observações etnográficas, posterior levantamentos, escrita e desenvoltura do objeto de estudo que concentra protuberâncias reflexivas para a sociedade compreender o processo de formação histórica da cidade; iii) posteriormente leitura de “Dois Irmãos” realizamos levantamentos de categorias referentes a proximidade do estudo e analisamos nos vieses de conteúdo manual, proposta por Bardin (2009).

“Dois Irmãos” é uma narrativa da história do personagem Nael que investiga a identidade do pai. Tomando como suposto, o enredo tem como pano de fundo o ciclo da borracha e a comercialização na Manaus de 1910 a 1960. Mediante, acreditamos que o autor direciona a uma perda da própria identidade da Manaus, que passa a ter aspectos europeus, deixando de ser uma cidade dos moldes de populações originárias e tradicionais — mencionam-se aqui os trabalhadores rurais, quilombolas, ribeirinhos, caboclos —, adotando aspectos dos costumes ocidentais. A exemplo são as construções dos edifícios e do próprio teatro Amazonas, este último caracterizado de estrutura do teatro estilo jesuítico.

Desta feita, nota-se a protuberância de apresentar a obra do escritor amazonense na estimativa de contribuir na compreensão dos processos históricos e sociais que a capital do Estado sofreu, uma vez que essas construções proporcionaram mudanças significativas para o contexto amazônica.

Identidade e memória: o conflito familiar em “Dois Irmãos”

A obra de Milton Hatoum (2000) retrata diversas categorias de análise. Entre elas, destaca-se aqui o conflito familiar. Uma categoria abordada por Milton Hatoum através da relação tumultuada entre os irmãos gêmeos Yaqub e Omar; que são de uma família de origem

libanesa que vive em Manaus. Esse conflito gira em torno do retrato da gradativa desolação dos irmãos gêmeos submergidos de si mesmo e num imerso crescente de individualismo.

Na urbe amazonense, sem ascendências, constituída por estratos que se esvaecem e evanescem aproximadamente sem consentir resquícios, boa parte do enredo é constituído em um momento que inclui os elementares anos do século XX pós-golpe militar, monopolizando, por conseguinte, ocasiões categóricas da história brasileira (LIMA, 2000).

Segundo Lima (2000), a narrativa de intrigas em meio aos irmãos é a linha condutora da história: os dois convivem numa relação de contenda, cobiça, desagravo e ciúme. Essa perturbada relação foi empregada e sustentada por costumes de Zana – mãe dos gêmeos – que jamais ocultou seu carinho predileto pelo gêmeo caçula Omar. Todavia, ainda que a trama se desenvolva a partir da história dos irmãos, o enredo é muito mais do que o relato de um episódio doméstico.

Ao abordar sobre tal exterioridade, Hatoum (2000) expõe distintos temas que distinguem a maneira intercultural da obra quanto grandemente o hibridismo cultural, a transação cultural, os choques interculturais e a aculturação; aspectos tão recursivos na atualidade. O texto de Milton Hatoum peregrina também pela vertente da interdisciplinaridade, permitindo o diálogo entre a literatura e distintos campos disciplinares (LIMA, 2000).

Mediante isso, destaca-se que é mister que se faça uma análise da simbologia da imagem da casa da família Libanesa, despontando a cultura e os costumes presentes na estrutura. Nesse ínterim, a casa representa a busca pela identidade, referente às várias memórias que estão impregnadas naquele ambiente em total decadência.

Sobre isso, Bachelard (2012) retrata que

[...] a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. [...] A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é o corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. (p. 359).

Partindo do suposto, acredita-se que a estrutura daquele lar representa uma proteção, um primeiro universo, corpo e alma mediante a abordagem de Bachelard (2012). Analisando a obra percebe-se que aquele ambiente interno e externo retrata um impacto nos personagens, o que retrata na imagem da casa como aspecto fundamental em respeito às memórias presentes

naquele espaço para o narrador que está à procura da identidade de seu pai biológico aproximar-se do seu objetivo.

Chevalier e Gheerbrante (2006) argumentam que a estrutura da casa árabe é um universo fechado em quatro dimensões, cujo jardim central é uma evocação do Éden, aberto exclusivamente à influência celeste. Essa arquitetura possui uma estrutura que valoriza uma conexão entre o homem e uma existência superior à sua. Analisando a imagem daquele lugar, supõe-se que é um cenário importante para o desenvolvimento do enredo e de todos os conflitos psicológicos e familiares presentes na narrativa literária.

Seguindo a abordagem de Bachelard (2012), destaca-se que um ambiente que implica na relação dos personagens é a sala. Lugar que se torna recinto de cenas de amor, destempero e violência; local em que o profano e o sagrado convivem lado a lado, segundo o destacado no trecho a seguir:

“Parece que toda a tara do corpo deles aparece nessa hora”, disse-me Domingas, numa tarde em que enxaguava no tanque os lençóis dos patrões. Com o tempo, ela acabou por se acostumar com os dois corpos acasalados, escandalosos, que não tinham hora nem lugar para o encontro. Nas manhãs de domingo Zana resistia aos galanteios de Halim e corria para a igreja Nossa Senhora dos Remédios. Mas ao regressar a casa, com a alma pura e o gosto da hóstia no céu da boca, Halim a erguia na soleira da porta e subia a escada carregando-a no colo. (HATOUM, 2000, pág. 65).

Pode-se destacar que, segundo Lima (2000), a sala era um espaço das orações de Zana e Domingas, já que ali havia um altar, juntamente com a imagem de uma santa e uma Bíblia Sagrada como era de costume da cultura libanesa. Aquele local também se configurava como alcova para Omar, o caçula, que não respeitava o espaço predileto do pai e como forma de afrontá-lo

Gandaiava como nunca, e certa noite entrou em casa com uma caloura, uma moça do cortiço da rua dos fundos, irmã do Calisto. Fizeram uma festinha a dois: dançaram em redor do altar, fumaram narguilé e beberam a vontade. De manhãzinha, do alto da escada, Halim sentiu o cheiro de pupunha cozida e jaca; viu garrafas de arak e roupas espalhadas no assoalho, caroços e casca de frutas sobre a bíblia aberta no tapete em frente ao altar, e viu o filho e a moça, nus dormindo no sofá cinzento. (HATOUM, 2000, pág. 91).

Na sequência da narrativa, Halim golpeia sem piedade o filho por ver a situação e a atitude de insulto que este apresenta. Omar procura enfrentar o pai, danificando o que havia de mais sagrado: a crença da mãe. Aquele sala que por muitas das vezes é local onde Zana

intercede pelo filho Omar, também se torna o local onde o filho é espancado e acorrentado pelo pai.

Na narrativa, Nael, narrador personagem, é participante e observador do ambiente e tem uma exterioridade privilegiada em respeito à condição que tinha em ser o filho de um dos gêmeos com a empregada Domingas. Nael tem uma articulação livre pela casa e, como observador atento e uma pessoa de confiança de sua mãe e de seu avô, conhecia todos os segredos como é retratado nesse pequeno trecho:

Isso Domingas me contou. Mas muita coisa do que aconteceu eu mesmo vi, porque enxerguei de fora aquele pequeno mundo. Sim, de fora e às vezes distante. Mas fui o observador desse jogo e presenciei muitas cartadas, até o lance final. (HATOUM, 2000, pág. 29).

Nael possuía conhecimento de todos os segredos daquela casa, exceto o de sua paternidade; tanto que o narrador busca conhecimento da identidade do seu pai no decorrer da narrativa e se depara com a memória fragmentada de Halim e o silêncio de Domingas: “Talvez por um acordo, um pacto qualquer com Zana, ou Halim, ela estivesse a se calar sobre qual dos dois era meu pai” (HATOUM, 2000, pág. 80).

O desenrolar da narrativa nos direciona que a intriga entre os irmãos tem seu início quando Yaqub é mandado para o Líbano, aos treze anos, para evitar uma desordem maior entre os gêmeos. Como uma consequência dessa relação de conflitos, o imprudente Omar estoca o rosto do irmão Yaqub com uma garrafa estilhaçada, causando-lhe um grande corte no rosto e uma eterna cicatriz, porque ele havia recebido um beijo no rosto da mocinha Lívia que atraía os dois irmãos (LIMA, 2000).

Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certeira, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Lívia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. Os Reinosos desceram ao porão, a voz de Abelardo abafou o alvoroço. O Caçula, apoiado na parede branca, ofegava, o caco de vidro escuro na mão direita, o olhar aceso no rosto ensanguentado do irmão. (HATOUM, 2000, pág. 28).

Segundo Lima (2000), a partir dos relatos de Nael é que conhecemos os conflitos dos irmãos gêmeos Yaqub e Omar e a tristeza de Zana, sua avó, que simplesmente lamenta as atitudes dos filhos e o ódio que se desencadeia um pelo outro. O romance também apresenta um tipo de incesto que ocorre entre os gêmeos e a irmã. Rânia era apaixonada por seus irmãos, o motivo girava em torno do seu namoro proibido pela mãe, por considerar não estar à altura da filha um pretendente de que esta gostava. Rânia resolve ficar sozinha e manter uma

relação que beira o incesto com os dois irmãos. Com um ou com outro Rânia “formava um par promissor” (Hatoum, 2000, p. 117).

Para Lima (2000), no romance há uma ligação entre espaço e personagens. Na narrativa, à medida que o narrador desenvolve a estória das personagens, descreve também à estória de Manaus, seu crescimento transformado depois em ruínas e sua transição para outra cidade. As ruínas de Manaus estão diretamente ligadas às derrocadas de suas personagens. A própria Manaus é uma importante personagem. Sua transição remete-nos diretamente aos novos habitantes alusórios ao Rochiram: “A fachada, que era razoável, tornou-se uma máscara de horror” (HATOUM, 2000, p. 255).

Para Homi K. Bhabha, a diferença cultural é o procedimento da enunciação da cultura como ‘conhecível’, autêntico, correspondente à edificação de princípios de identificação cultural (BHABHA, 2013). Logo, enquanto a diferença cultural distingue a precisão de coexistência entre as múltiplas identidades e a diversidade subentende uma assimilação homogênea. Deste modo, se antes a demarcação dividia e isolava duas culturas distintas, no hoje a abrangência sobre o ambiente fronteiro distingue para um lugar de colisão em meio ao ‘eu’ e o ‘outro’, o mesmo e o diferente.

É o que pode ser compreendido em relação às simbologias da casa de Zana, transformada em uma loja de *Rochiram* que representa o progresso destruidor. Para Rochiram nada é permanente, seu único compromisso é com o lucro imediato a qualquer custo. O progresso sobre o preço da destruição do passado transformando o mundo em ruínas nos remete a Walter Benjamin, no ensaio “Sobre o conceito da história”, quando afirma:

[...] o anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. [...] essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. É o que chamamos de progresso. (BENJAMIN, 1994, p. 226).

Nesse íterim, infere-se que a casa para Zana, conforme Lima (2000), significa tudo e perdê-la denota uma perdição absoluta, não concentrando apenas os parentes ainda vivos, mas até lembranças que ali permaneciam. A ruína dessa casa representa o fim da matriarca. Ela não consegue dissociar sua vida da casa e, ao perdê-la, vai definhando até a sua morte que não demora a chegar (LIMA, 2000).

Brandão (2002) retrata que a arquitetura que corresponde a essa sobreposição entre tradição e moderno é a “casa encruzilhada”, constituição em que um espaço-tempo é singular,

um mundo, ou fragmento, pouco importando se é tradicional, moderno ou arcaico, uma vez que o tempo não é o liquidificador que determina a súpula homogênea. Para o autor, somos uniões de mundos – muitos deles mal colados. Dessa forma, a casa é pensada assim: um mote notadamente rico em espaços-tempos particulares; e linhas de escapada partem dessa casa em variadas direções.

A contextura do romance *Dois Irmãos* é ‘tricotada’ em ambientes múltiplos: i) em Manaus, que já possuía uma proeminente decadência econômica posteriormente a crise da borracha; ii) São Paulo, que, na obra, simboliza o desenvolvimento e a perspectiva de um promissor futuro profissional; e o iii) Líbano, que simboliza a saudade para alguns e esquecimento para outros. Assim, compreende-se que esses ambientes impregnam em si dessemelhantes recintos, que constituem afinidades mais íntimas com as personalidades, como a casa da família, materializada no cômodo do filho Yaqub, o alpendre de Omar e a escola onde os gêmeos estudavam. Essa familiaridade entre o lugar e as personalidades é despontada através de diversos sentimentos, como o afeto, a aversão, a desafronta e a paixão, organizando uma analogia particular, afetuosa e plural; essencial na constituição da trama e das próprias personagens (BACHELARD, 2012).

Identidade cultural: Nael x Manaus

A obra de Hatoum apresenta o litígio da identidade como traço forte no decorrer de sua narrativa. O romance é marcado pelo conflito da família de Halim, um libanês que vem para o Brasil em meados da década de 50 para tentar uma condição de vida melhor, longe da guerra que se alastrava no Líbano. Em Manaus, Halim conhece Zana — filha de Galib — que também era libanesa e veio para a cidade em busca de melhoria financeira com a filha, dona de um restaurante chamado *Biblos* inaugurado por volta de 1914.

As fronteiras presentes em “Dois Irmãos” contrafazem realidades distintas e possuem subsídios análogos e integrantes, ainda mais no que concernem as exterioridades relacionadas à constituição e representatividade de identidades fronteiriças híbridas. Bhabha (2013) compreende que o hibridismo cultural não se caracteriza como um objeto sólido, mas se configura em torno das inter-relações de práticas culturais. E é nesse ínterim que o romance do manauara Milton Hatoum (2000) demonstra a forte presença de imigrantes na região amazônica.

É proeminentes destacar que a narrativa de “Dois irmãos” apresenta, de forma ficcional, um retalho histórico característico a respeito da imigração europeia para a

Amazônia brasileira. Assim sendo, a partir dessas ressalvas é presumível inferir o debate sobre a demarcação cultural edificada na região amazônica, levando em consideração seu espaço heterogêneo e multicultural, uma vez que estas colocações são indispensáveis para a apreensão do espaço do sujeito amazônida.

O romance se desenvolve a partir da narrativa de Nael. O intuito é falar da família de Halim e desvendar o mistério que há sobre a identidade do seu pai, que pode ser um dos gêmeos. O narrador constrói a narrativa por meio de flashbacks, partindo de relatos que Halim e Domingas lhe falam em diversas situações e lembranças que lhe ocorreram durante sua infância (LIMA, 2000). Assim, infere-se que a presença dessas situações e lembranças narradas por Nael é perceptível na construção para desvendar sua identidade em meio à família onde mora. Logo, verificamos a presença de três diferentes tipos de culturas presente na identidade do narrador: o libanês, o brasileiro e indígena (LIMA, 2000).

Segundo Candido (2010), a tese da identidade tem sido um pressuposto que tem marcado a literatura contemporânea por debater traços e marcas que diversas culturas deixam sobre a construção de uma determinada pessoa ou até sociedade; o que na obra pode ser constituído tanto na construção identitária de Nael quanto na própria constituição da cidade de Manaus.

A Manaus primitiva dos anos 20 é o panorama em que a contextura da obra se desenvolve. Conforme a história da família progride, Manaus se torna uma grande urbe, e o seu desenvolvimento é exibido em ‘pano de fundo’. A família de Halim sofre com a crise do período da Segunda Guerra. O seu comércio amortece e a vida se torna mais contida. Adiante, aparece a modernização e as transformações no porto, nos bairros pobres, o desenvolvimento que visita a urbe flutuante e a elimina, juntamente com a casa da família: “Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro” (HATOUM, 2000, p. 32).

Nael necessita procurar referências identitárias no passado comum da família, buscar no passado os approaches já diminuídos entre os elementos do grupo, já que a reminiscência familiar transporta de início organizador da identidade do sujeito em dessemelhantes modalidades. De um lado, interfere o compartilhamento de certas lembranças e olvidos ou, mais exatamente, o compartilhamento da ambição de partilhar (CANDAU, 2011).

Quando se trata de identidade aborda-se sobre a vertente do multiculturalismo; a presença de várias culturas. Hatoum (2000) traz em sua escrita essa diversidade cultural que Manaus recebeu, como o grande número de imigração dos libaneses e muitos outros, como o narrado sobre o restaurante de Galib:

Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na Praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam, que se cruzavam, vidas em trânsito, um vai e vem de vozes que contavam um pouco de tudo. (HATOUM, 2000, p. 47-8).

A narrativa tem como pano de fundo um contexto histórico que se dá a partir das décadas de 1910 a 1960; durante esse ocorreu no mundo diversos acontecimentos como a 2ª Guerra mundial e o final do ciclo da borracha na Amazônia. Segundo Lima (2000), esses fatos contribuíram para a imigração de pessoas de diversos países para Manaus em buscas de melhores condições de vida, dentre elas os libaneses que, de início, trabalharam em regatões vendendo mercadorias para ribeirinhos do Amazonas, em armazéns de Manaus — como Halim e sua família. Stuart Hall apresenta a importância da construção da identidade:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (Hall, 2015, p. 109).

Nael — o narrador — procura compreender sua verdadeira origem, saber quem é realmente seu pai, e entender porque é tão maltratado por Zana, sua avó paterna, e porque sua mãe Domingas não lhe revela o que procura. Domingas é uma personagem que na obra de Hatoum representa o povo ribeirinho e indígena presente na Amazônia (LIMA, 2000).

Nesse ínterim, ponderando que a lembrança é uma representação do passado e não uma reprodução leal dos episódios pretéritos, as lembranças são representações enodadas, brancas, incertas que necessitam serem finalizadas e deliberadas através de um trabalho de rememoração influenciado pelo contemporâneo. Assim, é o presente que realça e recheia as falhas das figuras mnemônicas; é no período presente que a memória é posta em atuação e é este período o responsável pela fabricação de significado e pela ressignificação do acontecido (BERGSON, 2006).

Nael procurava, através do que escutou no passar dos anos naquela casa e dos testemunhos, construir pontos que o ajudariam na busca da identidade do seu pai entre os homens da casa. As relações na casa de Halim eram as mais diferentes possíveis e o narrador teve sua infância moldada por ser filho de um desses homens, mas principalmente por ser filho da empregada (LIMA, 2000).

Hall (2009) nos expõe a protuberância da construção da identidade. Segundo o autor, a precisão de distinguir identidades conforme extensões identitárias se dão “porque identidades são construídas dentro e não fora do discurso e nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos, no interior de formações e práticas discursivas explícitas.” (p. 109).

Por outro lado, na narrativa é possível identificar o espaço de diferença tanto adentro dessa família como ponto que estende a cidade de Manaus juntamente com as metáforas de ruínas e passagem do tempo, que no decorrer da obra acompanham o desenvolver e o desenrolar da estória. Sobre isso, Borges articula que:

O romance “Dois Irmãos” situa Manaus como personagem crucial na obra de Milton Hatoum. A cidade é ali mostrada pelo olhar de um narrador, Nael, que, a partir dos fundos de uma casa em ruínas, revela uma Manaus modificada pelo processo de modernização, situado entre o eufórico período do Ciclo da Borracha até o estabelecimento da Zona Franca, no final da Década de 1950. (BORGES, 2010, p. 23).

O narrador versa as mudanças que ocorreram naquela cidade enquanto descreve alguns lugares como praças, portos e bairros, principalmente o dos imigrantes onde Halim e a família moravam. Percebe-se várias mudanças ocorrem na construção da identidade manauara e as contribuições multiculturais para a cidade ser o que é hoje. Essa presença multicultural encontrada em Manaus é bastante perceptível na obra de Hatoum, uma vez que o contexto histórico é muito propício e marca a cidade pelo grande número de acontecimentos que ocorreram naquele período (LIMA, 2000).

O que se pode constatar, a partir da leitura da espacialidade nas folhas poéticas de Hatoum, é a circulação por múltiplos espaços, caracterizado por um dos gêmeos protagonistas da narrativa, que revela o quão intensamente a obra ‘conversa’ com os ambientes culturais de Manaus, Líbano e São Paulo, exibindo e instrumentando para as páginas em branco as nuances de uma tragédia familiar regada a subversões, se constituindo, por vezes, como precárias.

Candido (2010) caracteriza em sua obra, “A educação pela noite e outros ensaios”, que o fator social é uma maneira de coletar materiais presentes em um determinado local e essa coleta interfere no processo criativo do autor ao produzir uma escrita literária; ou seja, tudo que ocorre durante um determinado período histórico e local, com determinadas pessoas, contribuem para a criação de uma narrativa, uma vez que:

A ligação entre a literatura e a sociedade é percebida de maneira viva quando tentamos descobrir como as sugestões e influências do meio incorporam à estrutura da obra – de modo tão visceral, que deixam de ser propriamente sociais, para se tornarem a substância do ato criador. (CANDIDO, 2010, p. 163-164).

Com isso, percebe-se no decorrer da narrativa a maneira como o povoamento manauara estava se instituindo a partir da presença dos libaneses, além de outros imigrantes em Manaus. Conforme LIMA (2000), na medida em que Nael crescia ocorriam diversos processos históricos como se abrange no fim do ciclo da borracha, e a imigração dos seringueiros para a cidade amazonense, conforme Halim fazia suas vendas para os moradores de um bairro. Aspecto perceptível no trecho:

Vendia de tudo um pouco aos moradores dos Educandos, um dos bairros mais populosos de Manaus, que crescera muito com a chegada dos soldados da borracha, vindos dos rios mais distantes da Amazônia. Com o fim da guerra, migraram para Manaus, onde ergueram palafitas à beira dos igarapés, nos barrancos e nos clarões da cidade. Manaus cresceu assim: no tumulto de quem chega primeiro. Desse tumulto participava Halim, que vendia coisas antes de qualquer um. (HATOUM, 2000, p. 41).

A capital do Amazonas estava sendo povoada não somente por estrangeiros, mas haviam várias pessoas advindas principalmente do Nordeste brasileiro na esperança de mudar de vida no período ciclo da borracha, constituíram famílias e por lá ficaram, assim também como o povo ribeirinho que foi arriscar uma existência melhor na capital (LIMA, 2000).

Outro fato histórico importante que Hatoum descreve em sua obra é o Golpe de 1964 que contribuiu para o surgimento da Zona Franca de Manaus, expondo acontecimentos desse período de maneira fictícia, como foi a chegada desse período e o que aconteceu após esse advento. É marcado pela venda da casa da família para pagar dívidas dos dois irmãos e autorização de Yaqub para isso, e a permanência de Nael no quarto dos fundos:

Um muro alto e sólido separava o meu canto da Casa Rochiram. Ele ousou e veio avançando, os pés descalços no aquaçal. Um homem de meia-idade, o Caçula. E já quase velho. Ele me encarou. Ele me encarou. Eu esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O Perdão. Omar titubeou. Olhou pra mim, emudecido. Assim ficou por um tempo, o olhar cortando a chuva e a janela, para além de qualquer ângulo ou ponto fixo. Era um olhar a deriva. Depois recuou lentamente de costas e foi embora. (HATOUM, 2000, p. 265-266).

Nas últimas palavras de Nael percebemos o fim de um tempo. Período que foi marcado pela busca por uma identidade, por uma origem que o narrador tanto almejava, mas que não pôde ser afirmada. Nael continua naquele mesmo lugar onde sempre esteve desde que

nascera e passara por diversas mudanças; em nada mudou a sua vida na busca da descoberta de sua origem.

O final da obra é nostálgico. O narrador revela sua melancolia ao mergulhar nas lembranças da casa e da cidade de Manaus: “Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconciliável com o seu passado”. (HATOUM, 2000, pág. 264).

Conclusão

O romance “Dois Irmãos” expõe a busca de um personagem à procura da identidade de seu pai em um contexto familiar diferenciado, pela origem libanesa. Halim e Zana por constituírem sua família em Manaus sofrem influências culturais advindas do multiculturalismo presente na cidade durante o período histórico que se passa a obra. Essas influências são adquiridas pelos filhos, principalmente por Omar com o jeito boêmio e falta de interesse nos negócios da família que geram, em diversos momentos, conflitos junto ao seu pai.

A partir dessa perspectiva percebe-se a ligação da obra com acontecimentos históricos ocorridos em Manaus no período que de 1910 a 1960, e que mostra no decorrer da narrativa mudanças ocorridas na cidade devido a esses episódios, principalmente no que diz respeito ao processo de urbanização de diferentes culturas que chegaram a capital manauara buscando melhores condições de vida. Também, com os acontecimentos que ocorreram desde o ciclo da borracha até a implantação da Zona Franca de Manaus que trouxe a mudança no capitalismo, e na própria cidade.

As palavras finais de Nael na obra nos leva refletir na falta de perspectiva de um futuro melhor, já que, pra o narrador, as mudanças incididas com a modernidade em Manaus calharam somente para privilegiar uma parte da sociedade; a elite e a preocupação com seus privilégios, enquanto que a classe baixa não tinha nenhuma evolução, como o caso do próprio narrador que permanece no mesmo quarto dos fundos mesmo depois de tantos anos.

No romance, o conflito familiar na casa de Halim perpassa as paredes da residência e nos direciona a conflitos ocorridos na cidade de Manaus e o que contribuiu para que a capital se transformasse no que é hoje e as influências sofridas no decorrer da história bem como a extensão na vida de Nael.

Portanto, o que se compreende é que a busca da identidade de Nael pode se assemelhar a investigação da identidade de Manaus, uma procura que nos leva a descobrir

influências culturais que contribuíram na construção identitária de Manaus e de Nael. Nesse ínterim, entendemos a proeminência do auxílio da literatura amazonense para compreender os processos históricos e sociais da Amazônia Central. Destarte, espera-se que o presente estudo possa ser um ponto de partida para futuras investigações em espaços amazônicos.

Referências

BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

BHABHA, H. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. *In*: CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Edusp, 2013.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BERGSON, Henri. Matéria e memória – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BORGES, Kárita Aparecida de Paula. Dois Irmãos de Milton Hatoum: um olhar que vem do norte. Brasília 2010. (Tese de Mestrado apresentada a Universidade de Brasília), disponível em: www.institutodeletras.org.br/pdf/doisirmaos/miltonhatoum. Acesso em: 17 jan. 2021.

BRANDÃO, Ludmila de Lima. A casa subjetiva: matérias, afectos e espaços domésticos. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANDAU, Joël. Memória e identidade. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Editora Ática, 2010.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 15ª edição em 2015, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HALL, Stuart. Da Diáspora: Identidade e Imediações Culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resenda et al. 1ª ed. Atualizada. Editora UFMG - Belo Horizonte, 2009.

HATOUM, Milton. Dois Irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIMA, Luiz Costa. A ilha flutuante. Caderno Mais!, *Folha de S.Paulo*, 24 de setembro de 2000. Disponível em <<http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/criticas-artigos/a-ilha-flutuante-por-luiz-costa-lima-caderno-mais-folha-de-s-paulo-24-de-setembro-de-2000>>. Acesso em: 15 fev. 2022.